





Concebido com dois objetivos: o geral, convidar pessoas vitoriosas na vida pessoal e profissional para ministrar palestras, relatando suas carreiras e trajetórias; o específico, de acréscimo da motivação dos alunos aos estudos, mediante conhecimento dos exemplos positivos desses palestrantes.

O PAPEL DE RAPOSAS E *OUTSIDERS* NA CONSOLIDAÇÃO DO FUTEBOL PARANAENSE:

uma análise sociológica e histórica do cenário futebolístico do Paraná

O presente artigo trata da palestra proferida no UniBrasil, em abril de 2019, pelo professor doutor em Sociologia Luiz Demétrio Janz Laibida, especialista em Sociologia Política com vasta experiência em pesquisas no Núcleo de Estudos Paranaenses (NEP-PR). Laibida apresentou os resultados obtidos na sua tese de doutorado defendida em 2016 na UFPR, transformada posteriormente no livro recém-lançado intitulado “Raposas e *outsiders* no futebol paranaense: um estudo sobre relações de poder e genealogia”.



Capa do Livro.

O pesquisador Luiz Demétrio Janz Laibida, doutor em sociologia pela Universidade Federal do Paraná e pesquisador do Núcleo de Estudos Paranaenses (NEP-PR), brindou recentemente os interessados nos meandros mais obscuros do futebol paranaense com um livro denso e penetrante sobre o tema. Solidamente fundamentado em um trabalho de campo e análise minuciosos e perpassado por um senso crítico aguçado nas análises dos dados que mapeou e registrou cuidadosamente, o trabalho delinea um perfil de traços finos do movimento de consolidação do futebol no Paraná. O livro é resultado da tese de doutorado do pesquisador, defendida em 2016, na qual se propõe a tratar visceralmente da faceta propriamente sociológica do futebol paranaense, com base no mapeamento minucioso de clubes paranaenses quase centenários, como o Savoia, Palestra Itália, Brasil, Água Verde, Ferroviário, Pinheiros, Irati e diversos outros, além dos grandes Atlético, Coritiba

AUTORA:

YASMIN TAMARA JUCKSCH
FILÓSOFA, MESTRE E DOUTORANDA
EM FILOSOFIA PELA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO.



e Paraná Clube. Seu trabalho buscava primordialmente compreender a dinâmica das relações sociais e de poder que moldaram a história desses clubes e que refletem, como o pesquisador nos mostra de maneira bastante fundamentada, as formas de articulação do poder nos níveis econômico, jurídico e social que perpassaram e até hoje se fazem presentes na sociedade paranaense.

A convite do UniBrasil, Laibida apresentou os principais resultados que obteve em suas pesquisas em uma palestra para alunos do curso de Educação Física. Na ocasião, o sociólogo pôde mostrar em linhas gerais como a genealogia do processo histórico de formação dos clubes de futebol paranaense apresenta-nos um processo que pode ser diametralmente dividido em duas épocas bastante distintas, correspondentes em grande medida a dois tipos opostos de direção dos clubes: o primeiro, atuando de acordo com perspectivas tradicionalistas (cujos representantes Laibida chama de “raposas”) e outro, segundo critérios estritamente empresariais (os “outsiders”). Essas duas macro-fases que o pesquisador

identifica nas suas pesquisas diferem radicalmente em termos de gerenciamento e administração e de expectativa de retorno financeiro dos clubes.

“Raposas” é o termo que o pesquisador empresta perspicazmente de André Luiz Marengo dos Santos, pesquisador que publicou o artigo “Nas Fronteiras do Campo Político: Raposas e *Outsiders* no Congresso Nacional” (1997), para se referir a membros de famílias tradicionais que dominavam o cenário político,

jurídico e econômico do estado e que administravam os clubes segundo uma ótica informal, derivada da dinâmica familiar pessoal e do caráter meramente recreativo do futebol na época. De fato, essas famílias começaram a investir recursos nesses clubes unicamente com vistas ao entretenimento das elites: os jogadores não recebiam salários e nem tinham dedicação exclusiva, mas eram trabalhadores assalariados que atuavam nos clubes basicamente nas horas vagas e com mínima remuneração, quando houvesse.

É interessante notar que os “raposas” dominam o cenário do futebol na primeira metade da história do futebol, isto é, até a década de 1970, quando ainda não havia intenção de profissionalizar os times paranaenses. Naquele momento,

mostra-nos o pesquisador, os clubes eram comandados por famílias paranaenses tradicionalmente mandatárias na política local ou de grande expressão econômica, como Mello, Malucelli, Fruet, Essenfelder e outras mais; além disso, a ocupação dos espaços de poder pelos militares no período da ditadura também se refletiu nos clubes, já que eles se apresentavam como um verdadeiro microcosmo da dinâmica política mais ampla; muitos militares atuaram como “raposas”, como por exemplo o Major Antônio Couto Pereira, que até hoje dá nome ao estádio do Coritiba.

Laibida intenta mostrar como a história dessa época fornece importantes indícios de que o futebol era, na verdade, um mero meio de passagem para os espaços políticos: em geral, o movimento desejado era o de sair da direção dos clubes, nos



Estudantes na plateia do evento.

quais era escassa a perspectiva de obtenção de vantagens econômicas ou sociais, e migrar para o meio político, em que os benefícios eram muito mais expressivos e abundantes.

Esse movimento ascendente inverte-se radicalmente no período posterior, como nos mostra o pesquisador, a partir do tricampeonato de 1970, que marca definitivamente a passagem para um novo momento na história dos clubes paranaenses (como ocorre em todo país). A partir daí, o futebol passa a ser visto como um negócio potencialmente lucrativo, o que de fato se confirma a partir da agência dos *"outsiders"*, gestores que passam a comandar certos clubes sem raízes nas famílias tradicionais e que eram muitas vezes provenientes de outros estados da federação. Os *"outsiders"*, aponta-nos o sociólogo, eram *"forasteiros"* que acabaram sendo responsáveis por alçar os clubes ao patamar que hoje claramente observamos: clubes antes meramente recreativos, sem fins econômicos e com jogadores amadores e mal-remunerados foram transformados em negócios altamente especializados, que formam em conjunto o que hoje podemos chamar de *"indústria do futebol"*.

Desembaraçados das influências das paixões por um clube em particular, das frequentes dissensões internas e do legado tradicional das famílias dominantes, esses *"forasteiros"* foram responsáveis por implantar uma gerência especializada nos times, nos moldes da gestão capitalista das empresas modernas. A visão familiar

e não sistemática foi sendo assim substituída pela articulação de critérios impessoais, decisões verticalizadas e voltadas ao lucro obtido por meio de grandes estratégias de marketing e de uma melhora da performance esportiva, reflexo do nascimento da profissionalização dos jogadores.

O que de fato permanece subjazendo a ambos os períodos, mostra-nos o pesquisador, é a presença da ingerência política, jurídica e econômica dos clubes pela a elite paranaense, formada por famílias tradicionais cuja dominação reflete o provincianismo paranaense em relação aos centros de poder políticos brasileiros. A reiterada presença de esquemas de corrupção também continua presente, mudando somente de aspecto: se antes a corrupção mantinha-se circunscrita à alteração de resultados dos jogos, no segundo momento, quando ocorre a rápida mercantilização do futebol, a corrupção passa a localizar-se com mais premência na manipulação financeira dos recursos dos clubes. Como o pesquisador brilhantemente nos mostra, a história do realidade futebolística paranaense é quase que um espelho da história política e social do Estado: a presença de militares e mandatários de famílias dominantes nos clubes e na Federação Paranaense de Futebol (FPF/PR), a ausência radical de mulheres, tanto em times quanto na esfera administrativa (o mapeamento feito pelo sociólogo mostra que até hoje nenhuma mulher alcançou a presidência nos clubes paranaenses), a industrialização massiva por meio do recrudescimento das paixões,

levado a cabo principalmente pela atuação midiática, e o retrato do futebol como um imenso “campo de vaidades”, como bem refere o pesquisador, seguindo a contaminação de tendências passionais também observadas nos meios político e jurídico paranaenses.

A palestra de Laibida levantou questões emblemáticas concernentes a esse tema entre os alunos, dentre as quais o questionamento do alcance da influência da mídia e de interesses externos na promoção e projeção de determinados jogadores: como se dá o processo de mitificação de jogadores desconhecidos que acabam alcançando o acme da carreira, aos quais são atribuídas alcunhas como “rei”, “fenômeno”, etc.? A resposta a tal pergunta mobiliza diversos aspectos do processo de mercantilização do futebol. Sem dúvida, responde Laibida, o domínio da técnica pelo jogador concorre para esse resultado, devendo ser, obviamente, um requisito compulsório do processo; contudo, o que está por trás e determina de fato essa ascensão e projeção sistemática é, *grosso modo*, o encaixe do jogador no enquadramento requerido pelos interesses econômicos. A figura do *player* é reificada e transformada em mercadoria a ser consumida, seguindo as tendências capitalistas, assim como o são diversos objetos de consumo relacionados aos times. A diferença do início da segunda época (pós década de 1970) para os tempos atuais é que, em plena ditadura militar, o enquadramento também atendia a quesitos ideológicos: o sociólogo lembra

que figuras lendárias como Pelé, à maneira de Roberto Carlos, foram midiaticamente soerguidas graças ao seu apoio ao regime, enquanto que jogadores como Sócrates e outros dotados de extraordinário domínio técnico, mas que eram no mais das vezes críticos tenazes da ditadura militar, foram abertamente afastados dos louros que poderiam ter meritoriamente alcançado. Atualmente, pode-se dizer que o que se requer é somente a capacidade e disposição do jogador de colaborar para o sistema de consumo instituído pela indústria do futebol, encaixando-se nos moldes estabelecidos pela mídia e obedecendo aos ditames dos clubes aos quais pertencem.

A paixão pelo futebol pôde ser assim ser vertida em lucros caudalosos graças à adoção de processos novos, que seguiam a tendência mundial de capitalização do esporte, e que incluem poderosas jogadas de marketing, deixando para trás os objetivos puramente recreativos dos clubes e a administração familiar, que fora no mais das vezes desastrosa em termos de obtenção de títulos. Contudo, pode-se dizer que há algo que se mantém como um pesado *leitmotiv* na história do futebol paranaense e brasileiro (do qual é reflexo), apesar de tantas transformações radicais: diz-nos Laibida que o futebol esteve, desde os seus primórdios organizacionais, nas mãos das elites, e que isso, na contramão de todas as imagens que costumam ser propaladas sobre o esporte, demonstra cabalmente que “o futebol não é e nem nunca foi um esporte do povo”. ■

O autor: Luiz Demétrio Janz Laibida »

